

A história oral e as relações autor-personagem da narrativa biográfica

Andréa Ferreira Delgado *

Le Ven, Michel Marie

Dazinho: um cristão nas minas

Belo Horizonte: CDI, 239 p., 1998.

QUANDO COMECEI A LER ESTE LIVRO, José Gomes Pimenta, o Dazinho, não era um desconhecido para mim. Embora somente a leitura fosse revelando o mineiro, o líder sindical, militante católico, preso político, candidato a senador pelo PT, o idoso tetraplégico, eu já havia sido apresentada ao personagem pelo próprio autor. Em setembro de 1998, o professor Michel lançou seu livro durante o III Encontro de História Oral da região Centro-Oeste. Fez, também, uma longa exposição em que tratou, principalmente, de sua relação com Dazinho ao longo da entrevista. Mais do que conhecer os pressupostos teóricos ou metodológicos, foi essencial sentir a emoção e o envolvimento do autor com o personagem da sua narrativa para compreender a construção desta biografia.

O autor afirma que não escreveu “uma biografia no sentido clássico da palavra”, prefere chamar seu trabalho de “narração a partir de uma história oral de vida”. Vamos começar nossa análise refletindo sobre as implicações de escrever a trama de uma vida a partir de uma entrevista que se desdobrou em vários meses de encontros e um total de 14 fitas gravadas.

No artigo “História oral de vida: o instante da entrevista”, Michel le Ven e as pesquisadoras envolvidas no projeto discutiram os significados do momento da entrevista como interação – “uma ação entre cúmplices” – que provoca modificações profundas nos sujeitos. Para os entrevistados, “as entrevistas permitem uma reformulação de sua identidade”, pois desencadeiam um processo de auto-análise em que “percebem não só a sua história de vida, mas seu *projeto* de

* Professora da Universidade Federal de Goiás.

vida. Para os entrevistadores, o “momento fundante” da entrevista provoca “uma reflexão sobre si mesmo e novos questionamentos sobre sua experiência e seu projeto de vida. Assim sendo, podemos inferir que os indivíduos não continuam os mesmos após a realização de entrevistas de história de vida” (Simson, 1997, p. 213-23).

É a este sujeito profundamente marcado pela história que ouviu e pelo ser humano que a contou que vamos encontrar quando analisamos o trabalho do professor Michel. Mais do que as relações tecidas durante a entrevista, o autor compartilha “uma comunidade de destino” com o entrevistado – expressão utilizada por Ecléa Bosi quando revela que a vivência do envelhecimento uniu autora e personagens do livro *Memória e Sociedade – lembranças de velhos* –, condição fundamental para compreender este livro.

Logo na introdução, descobrimos que “havia uma história comum entre Dazinho e o autor desse texto, o que, aliás, foi a condição colocada pelo primeiro para que a entrevista se realizasse”. Entretanto, diferente de Ecléa Bosi, que entretete suas lembranças ao texto, o autor não nos conta sobre seus encontros anteriores com o entrevistado, nem explicita as lembranças pessoais dos eventos compartilhados. Um exemplo: ao final do livro, sabemos que Michel le Ven veio para o Brasil, em 1965, como “fundador da Comunidade da Congregação dos Agostinianos de Assunção (...), professor de Teologia Moral no ICFT-UCMG e assistente regional da JOC. Preso em novembro de 1968, ficou respondendo a Inquérito Policial Militar até outubro de 1969.” Autor e personagem se encontraram nos tumultuados anos da repressão instaurada pelo regime militar, quer seja na condição de militantes católicos, quer seja na de presos políticos. Quando comenta a condição de Dazinho ao sair da prisão, entrevemos o autor-personagem na afirmação “quem foi preso político sabe que está sempre vigiado, mais ainda, pode se ver sempre em dívida; não se sabe com quem, mas sujeito a ser preso de novo”. Esta comunidade de destino, embora não explicitada, perpassa a narrativa e conforma a intelegibilidade que o autor confere às experiências de vida de Dazinho, como discutirei mais adiante.

Le Ven inscreve seu trabalho na perspectiva da “sociologia clínica”, adotando como opção metodológica a “trajetória de vida”, cujo objetivo é “acompanhar as emoções e sentimentos para revelar o sentido de um percurso de vida, para que seus sujeitos possam se apropriar do seu próprio destino. Com isso, pretendemos ter feito a ‘restituição’, proporcionando ao ‘indivíduo no social’ a possibilidade de dizer, a si mesmo e aos outros, sua compreensão de existência”. Coerente com seus pressupostos, o autor afirma que “o texto quer ser a compreensão da fala e da memória de Dazinho e, portanto, procura expressar o sentimento de um indivíduo sobre seu passado”. Tentarei, a seguir, demonstrar o quanto a narrativa se desdobra de forma harmônica a estes objetivos teóricos e metodológicos.

O autor afirma que “a ordem dos capítulos segue a ordem dos ‘tempos da vida de Dazinho’”. Considero importante reproduzi-la aqui, porque nos informa tanto sobre a vida do biografado quanto sobre a narrativa produzida pelo autor. “A felicidade da infância: memória de um menino-homem; O pão e o ouro: 15 anos de pá, das profundezas da mina às profundezas do ser; ‘O Evangelho em termos operários: amor, justiça, trabalho; Um operário-deputado, caçado, cassado, preso e condenado’; O recomeçar sem ‘aparecer’ (1967-1974); ‘Das minas de Nova Lima, os nossos sonhos gerais’: Dazinho, o ‘senador’; Solidão e solidariedade: o grito da condição humana; Ao encontro do pai. Esta trajetória é (re)construída com a habilidade do sociólogo e cientista político, do literato e do religioso.

As experiências de Dazinho são entretecidas às experiências coletivas de diversos grupos: a família camponesa, os mineiros, sindicalistas, jocistas, deputados, presos políticos, políticos do cenário atual. Os momentos de sua vida são vias de acesso para a história do sindicalismo, da Igreja, dos partidos, do regime militar e da resistência à ditadura, da ‘Nova República’. Estas dimensões são analisadas a partir de profunda pesquisa bibliográfica, transformando o livro em referência importante para os pesquisadores interessados na história contemporânea do Brasil.

A dimensão literária perpassa todo o trabalho, tanto na escrita sensível, delicada e pontuada por figuras de linguagem que expressam e provocam emoções, quanto nas inserções de outras vozes que cruzam os campos teóricos da filosofia, história e sociologia – como Simone Weil, Friederich Nietzsche, Pierre Nora, Edward Thompson, Edgard Morin, entre outros – e os campos do cinema, da música e da literatura. Vamos encontrar, por exemplo, referências ao filme *Central do Brasil*, músicas de Milton Nascimento, Chico Buarque, Geraldo Vandré, Lupicínio Rodrigues e trechos de livros de Clarice Lispector, Albert Camus, Émile Zola.

Ao longo da narrativa, os sentidos e os significados da experiência de vida de Dazinho são estabelecidos sob a perspectiva da comunidade de destino que une autor e personagem: a religiosidade e a fé compartilhadas como projeto de vida, manifestadas na militância política. Tanto o biografado quanto o biógrafo estabelecem uma interpretação retrospectiva e prospectiva do relato autobiográfico a partir dos valores religiosos.

No último encontro do processo de entrevista, Dazinho retoma períodos já narrados e atribui sentido à sua trajetória: “Como disse no início das nossas conversas, da minha origem e da origem da minha Fé, que foi assim baseada no meu pai e na minha mãe. E acabei (tosse) chegando à JOC, que me forneceu o embasamento da minha crença e o fortalecimento da minha fé. Então, daí para frente, a espiritualidade foi para mim uma coisa séria. Tudo o que eu passei a praticar, a fazer, foi totalmente embasado na minha crença de que somos a continuidade do que Cristo queria que se fizesse: a pregação do Amor, da Paz, da Justiça. E isto continuou tão agarrado em mim que eu me tornei um elemento político por causa disso”.

É no campo religioso que o autor vai buscar a intelegibilidade, a unidade e a coerência que organizam as experiências biográficas de Dazinho de modo a instituir uma vida exemplar.

“Dazinho lembra uma figura bíblica: rosto iluminado, olhar carinhoso, sorriso aberto e palavra firme. (...) Nos momentos mais dolorosos de sua vida, a prisão, a tortura, a perseguição, a miséria, a solidão, o desrespeito, a crueldade e a estupidez dos ‘bem pensantes’, mesmo nesses momentos, ele não tem vontade de voltar atrás. Dazinho olha para a frente, ‘rompi com tudo isso por conta própria’, mas deve tudo à Fé, às crenças de sua terra, ao Deus de seus pais. Do seu apelido, ele fará um nome ‘pelo qual vem o escândalo’ para uns, e, para outros, um momento no qual encontram a luz, a justiça, o caminho (...). A opção pessoal por essa ‘pobreza’ deve ter algum segredo, algum ‘mistério’ que lhe é ensinado por seu Mestre do Evangelho. Essa ‘pobreza’ lhe dá o sentido da vida, em consonância com o Evangelho, por intuição pessoal, por fidelidade às suas origens e à sua história de vida e trabalho”.

Na introdução, o autor aponta a relação entre política e religião, configurada até mesmo no subtítulo “um cristão nas minas”, enquanto uma das questões suscitadas pela história de vida de Dazinho e pela narrativa que ele construiu: “a experiência desse indivíduo na sua militância jocista e cristã, na sua ‘espiritualidade’, possivelmente no seu pecado pessoal com um Deus-encarnado, coloca mais um elemento no espectro das crenças e das ilusões religiosas dos homens do tempo presente”. Esta experiência de vida, de fé e de militância que uniu autor e personagem como artífices da Ação Católica Operária em Minas Gerais – o primeiro como assistente regional e o segundo como militante operário da JOC – foi narrada de modo a excluir ou minimizar as referências autobiográficas do autor. Sem ousar discutir tal opção, só nos resta provocar e incitar o professor Michel a escrever suas memórias, revelando uma trajetória pessoal que também se entrelaça à história contemporânea do Brasil.

Como escrever uma resenha é, antes de tudo, expor um caminho de leitura, optei por trilhar aquele que minha intuição indicava desde que ouvi o professor Michel falar sobre seu trabalho: as relações entre autor e personagem, não só no processo de entrevista oral de vida, mas também na escrita da narrativa biográfica. Diante desta trama que envolve duas histórias humanas, não há como permanecer indiferente: este é um livro que questiona, provoca reflexões e, principalmente, emociona.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SIMSON, O. *Os Desafios Contemporâneos da História Oral*. Campinas: CMU/Unicamp, 1997.